

DNOTICIAS.pt - Serviço de documentação e impressão



Ricardo Fabrício, Professor Universitário

[Exclusão financeira](#)

Estatísticas da pobreza à parte, certo mesmo são os factos nus e crus que temos que aceitar.

Data: 07-04-2010

Numa época em que o acesso e a relação com o sistema financeiro parece mais difícil ou condicionada, com as famílias e as empresas a sentirem dificuldades financeiras acrescidas, às quais já se tinham desabitado, tenhamos presente dados recentes (de Outubro de 2009) sobre o que se passa no mundo em matéria de inclusão/exclusão financeira.

Na sequência do trabalho desenvolvido pelo consórcio The Financial Access Initiative, formado por investigadores das universidades de Nova Iorque, Harvard, Yale e da Innovations for Poverty Action (<http://poverty-action.org/>), é possível encontrar algumas indicações sobre o assunto, que (re)afirmam um mundo profundamente assimétrico, paradoxal e ambivalente.

As tendências-chave associadas à (pós-)globalização propagandeiam a existência de um movimento transfronteiriço intenso de recursos, ideias e pessoas, com elevada interdependência entre as diferentes partes do planeta, face às quais até seríamos incapazes de admitir a dimensão do fenómeno da exclusão financeira planetária, que se traduz na existência de cerca de 2,5 biliões de adultos, privados de quaisquer serviços financeiros formais, ou seja, mais de metade dos adultos do planeta encontram-se numa situação de exclusão financeira, não tendo qualquer acesso a serviços financeiros profissionais.

Imaginemos e consideremos bem este cenário: 2,5 biliões de adultos -dos quais 2,2 biliões vivem em África, na Ásia, na América Latina e no Médio Oriente- não têm contas bancárias ou cartões bancários ou acesso ao crédito pessoal ou crédito para a habitação, isto sem falar na privação a que estão devotados em matéria de outros produtos financeiros, populares e fáceis entre nós, como o leasing, o renting, o factoring, etc. É um pouco difícil de imaginar, não é? Pois é, mas é a realidade, face à qual as operações de micro crédito ganham sentido e urgência, sobretudo, se tivermos em consideração que do bilião e duzentos milhões de adultos que têm acesso aos serviços financeiros (e vivem em África, na Ásia, na América Latina e no Médio Oriente), cerca de 800 milhões vive com menos de 5 dólares norte-americanos por dia... Enfim, estatísticas da pobreza à parte, certo mesmo são os factos nus e crus que temos que aceitar: o crescimento socioeconómico e os ganhos de bem-estar na contemporaneidade são muito difíceis sem o acesso a instrumentos financeiros adequados, razão pela qual a inacessibilidade a um sistema financeiro, formal e credível, constitui automaticamente um motivo de exclusão financeira, logo, traduz um fortíssimo condicionamento para quaisquer tentativas de desenvolvimento e inclusão social.

A grandeza dos números da exclusão financeira rimam pouco com o pregão da globalização, mas atestam como se podem confundir ideologicamente causas com consequências, sobretudo, para viabilizar uma versão estética do fenómeno. Só que num momento em que a sociedade ocidental discute e reformula a sua relação com o sector financeiro, talvez a ambivalência que advém da existência de biliões de excluídos financeiros (num pretense mundo globalizado) tenha que ser ponderada de forma muito séria. Não por se tratar de uma almofada em que repousa a consciência colectiva ocidental, mas dada a necessidade desta ser mais razoável e responsável na utilização que faz do sistema financeiro a que tem fácil acesso. E não me parece, definitivamente, que este imperativo seja (apenas) uma responsabilidade das entidades bancárias.

© Está expressamente proibida a distribuição e a utilização dos diferentes conteúdos dos serviços do DNOTICIAS.pt, sem consentimento prévio da Empresa Diário de Notícias, Lda.